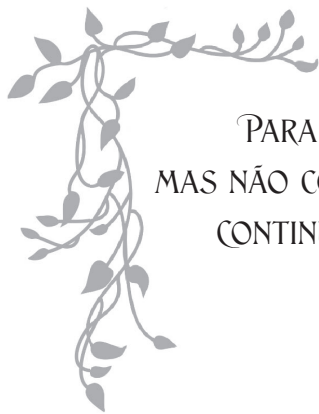


gild
série a prisioneira dourada
raven kennedy

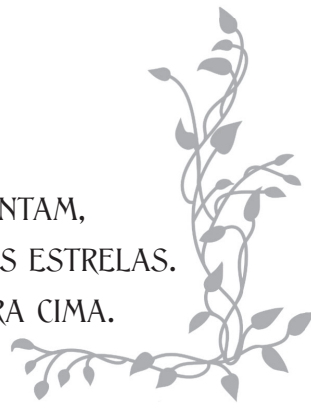
Tradução de Rui Azeredo



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina



PARA AQUELES QUE TENTAM,
MAS NÃO CONSEGUEM, VER AS ESTRELAS.
CONTINUEM A OLHAR PARA CIMA.





CAPÍTULO 1

Levo o cálice aos lábios, enquanto observo o espetáculo de pele nua através do espaço entre as minhas grades.

A iluminação é ténue, contida. Apenas uma chama crepitante sobre formas promíscuas que se movem num tandem caloroso. Sete corpos a trabalhar para a libertação de um único, enquanto aqui permaneço, à parte, como a espetadora de um desporto.

O rei chamou-me aqui há um par de horas, quando começou a sentir-se excitado e tenso com o seu harém rotativo de concubinas — também conhecidas por selas reais. Esta noite decidiu desfrutar do seu prazer no átrio, provavelmente por causa da acústica. Em sua defesa, devo dizer que os gemidos ecoam muito bem.

— Sim, meu rei! Sim! Sim!

A pele em redor dos meus olhos retesa-se e rapidamente bebo mais um gole de vinho e obrigo-me a desviar o olhar e a observar antes o céu noturno. O átrio é enorme e todas as paredes e o teto abobadado são inteiramente compostos por painéis de vidro, pelo que se trata da melhor vista do palácio. Isto é... quando para de nevar o tempo suficiente para se ver algo.

Neste momento, como é habitual, abate-se uma tempestade de neve. Tombam flocos brancos do céu, prometendo cobrir as vidraças pela manhã.

Mas, por ora, vejo um leve vestígio de uma estrela isolada lá no alto, a espreitar por entre as nuvens opressivas e a pairar a branco. O vapor inchado e gelado permanece de sentinela sobre o céu como um avarento, furtando-me a vista e guardando-a só para si. Mas consigo um vislumbre e sinto-me grata por isso.

Penso se a dado ponto antigos monarcas de eras esquecidas construíram este átrio de modo a poderem cartografar as estrelas e decifrar as histórias que os deuses nos deixaram no céu. Mas então a natureza demoveu-os, com aquelas nuvens de sentinela, troçando do esforço deles e bloqueando-nos a verdade.

Ou talvez as realezas há muito mortas tenham simplesmente erigido esta construção para ver o vidro coberto de gelo e as nevascas a redemoinhar enquanto podiam permanecer aqui, imunes ao vasto e branco frio. A realeza oreana é suficientemente arrogante para fazer algo desse calibre. Por exemplo: o meu olhar incide sobre o rei, que neste momento tem as bolas enfiadas numa sela enquanto as outras se meneiam e brincam para prazer dele.

Mas, se calhar estou errada. Se calhar este espaço não terá sido construído com o propósito de olharmos para cima, mas para que os deuses olhem para baixo. Talvez aqueles velhos monarcas também aqui tenham trazido as *suas* selas, como oferenda visual para que os céus apreciassem o deboche. Com base em algumas histórias que li, os deuses são um bando de assanhados, por isso sinceramente não descartaria tal ideia. Mas não os censuro. As selas reais são muito talentosas.

Apesar de estar a ser obrigada a ver e ouvir os atos lascivos neste preciso momento, e apesar de o cume da cúpula por norma se apresentar tapado pela neve, ainda assim gosto de aqui vir. É o mais perto que alguma vez chego de estar no exterior, de sentir o vento no rosto ou de ter os pulmões plenos de ar puro.

O lado positivo? Pelo menos nunca tenho de me preocupar com a minha pele ser gretada pelo vento ou tremer com a neve. A tempestade de neve, afinal de contas, parece fria.

Tento manter uma perspetiva positiva da vida, mesmo tendo a minha gaiola personalizada. Uma bela jaula para uma bela relíquia.

— Oh, Divino! — diz uma das selas, a Rissa, parece-me, gritando delectada, despertando-me das minhas divagações. Tem uma voz rouca e cabelo louro, uma beleza natural no rosto. Redireciono o meu olhar para a cena diante de mim, incapaz de me conter. Há seis selas a darem o seu melhor

para impressionar. Seis é o número da sorte do rei — dado que ele é o sobrano do Sexto Reino de Orea. É um pouco obsessivo com isso, na verdade. A todo o momento, vejo o número à volta dele. Como os seis botões em todas as camisas que os alfaiates lhe confeccionam. Ou os seis pináculos na sua coroa de ouro. As seis selas que fode esta noite.

Neste momento, cinco mulheres e um homem saciam as necessidades carnis dele. A criadagem trouxe uma cama para ele se sentir confortável enquanto desfruta do prazer. Parece ser um grande esforço para eles desmontar a cama enorme, subir três lanços de escadas e voltar a montar, para mais tarde tornarem a removê-la. Mas, o que sei eu? Não passo da *sela preferida* do rei.

Franzo o nariz face ao termo. Prefiro quando as pessoas me chamam a favorita do rei. Soa de uma forma muito mais agradável, embora signifique o mesmo.

Pertenço-lhe.

Apoio os pés nas barras na frente da minha jaula, recostando-me nas almofadas atrás de mim. Vejo o rabo do rei fletir conforme ele entra e sai de uma das raparigas por baixo dele, enquanto duas outras mulheres se ajoelham sobre a cama de ambos os lados para ele ter acesso total aos seios despidos, que de momento massaja com ambas as mãos.

O rei é dado a mamas.

Olho para baixo para o meu próprio peito, de momento envolto em seda dourada. Parece mais uma toga do que um vestido, a faixa de tecido presa em ambos os ombros e a cair em cascata, cintada com laços de ouro. Ouro é tudo o que uso, toco ou vejo.

Todas as plantas neste átrio, que eram férteis e verdes, apresentam-se agora sem vida e metálicas. Toda a sala, além das janelas de vidro cristalino, é de ouro. Tal como a roupa da cama em que o rei fode neste momento, flocos de ouro salpicados nos veios de madeira da armação da cama. O mármore dourado do chão, os veios escuros nele polidos como regatos gelados sedimentados. Maçanetas de portas de ouro, videiras a brilhar trepando por paredes de ouro, colunas metálicas a susterm toda a riqueza ao subirem até às arcadas.

O ouro é um assunto importante aqui no Castelo do Sino Alto do Rei Midas.

Chãos de ouro. Caixilhos de ouro. Tapetes, pinturas, tapeçarias, almofadas, roupa, pratos, armadura do rei, que diabo, até o pássaro de estimação está paralisado num brilho sem vida. Tanto quanto se vê, tudo é ouro, ouro,

ouro, incluindo toda a infraestrutura do próprio palácio. Todas as pedras, e degraus, e colunas. O exterior do castelo deve cintilar quando o sol lhe bate. Felizmente para todos os que vivem no exterior do palácio, acho que o sol nunca aparece para nele se refletir. Se não neva cai granizo, e se não se dá nenhum dos casos por norma vem a caminho um nevão.

O sino aqui dá sempre o alarme quando vem um nevão a caminho, avisando as pessoas para que se mantenham dentro de casa. E aquele sino enorme na torre que se encontra no ponto mais alto do castelo? Exato, também é de puro ouro. E, caramba, como faz *barulho*...!

Odeio-o. O seu repicar é mais ruidoso do que granizo a desabar num teto de vidro, mas com um nome como Castelo do Sino Alto acho que seria uma blasfémia *não* contar com um sino irritante.

Ouvi dizer que se ouve a quilómetros e quilómetros de distância. Assim, com o sonoro sino e o ouro ofuscante, o Castelo de Sino Alto é um pouco espalhafatoso no seu posto empoleirado na vertente da montanha rochosa coberta de neve. O Rei Midas não acredita na subtilidade. Exibe o seu famoso poder e as pessoas ou se curvam maravilhadas ou sentem uma devoradora inveja.

Avanço até à orla da minha gaiola para me servir de mais vinho, mas constato que o jarro se encontra vazio. Faço uma careta ao olhar e tento ignorar os guinchos e grunhidos masculinos vindo de trás de mim. Uma sela diferente — a Polly — está a ser montada agora pelo rei, com os seus barulhos de sexo a arranharem-me como um dente que dói a raspar em gelo, enquanto sinto os ciúmes dentro de mim.

Quem *me dera* ter mais vinho.

Em vez disso, pego nas uvas pousadas no meu prato de queijo e fruta e enfio-as na boca. Talvez fermentem no estômago e consiga ficar um níqui-nho bêbeda? Uma rapariga pode ter esperanças.

Enfiando outro punhado na boca para dar sorte, regresso ao canto e acomodo-me nas fofas almofadas douradas pousadas no chão. Com um tornozelo cruzado sobre o outro observo os corpos em contorção enquanto executam a sua adorável *performance* para o rei.

Três das selas são novas, pelo que ainda nem sequer sei o nome delas. O novo macho está de pé sobre o colchão, completamente nu, e, grande Divino, como é belo. O corpo dele tem um molde perfeito. Percebo por que razão o rei o escolheu, porque com aqueles abdominais esculpidos e rosto efeminado é *muito* agradável à vista. É evidente que quando não serve Midas trabalha para esculpir todos os seus músculos.

Neste preciso momento, envolve com os antebraços a viga superior da cama de dossel e uma sela feminina está lá empoleirada como um esquilo num galho, com as pernas bem abertas enquanto ele a come. O equilíbrio e as capacidades de representação não podem ser ignorados.

A terceira novata está ajoelhada diante do homem chupando-lhe todo o membro como veneno de uma mordida de serpente. E... uau, ela é *mesmo* boa no que faz. Agora sei porque a escolheram. Inclino a cabeça, tomando notas mentais. Nunca se sabe quando algo assim pode dar jeito.

— A tua rata está a aborrecer-me — diz de repente Midas, levando a Polly a sair rapidamente de baixo dele. Ele dá uma palmada na rapariga das mamas à frente dele. — É a tua vez. Quero o teu traseiro.

— Claro, meu rei — ronrona ela antes de rodar e ajoelhar-se, de rabo empinado. Ele mergulha nela ainda com os sucos escorregadios da Polly no pénis e a mulher larga um gemido.

— Fingidora — murmuro entre dentes. Não pode saber assim tão bem. Não que eu saiba por experiência própria. Nunca me entraram *ali em baixo*, graças ao Divino.

Os sons na sala intensificam-se quando um par de selas atingem o orgasmo — fingido ou real — e o rei dá com força na sua fêmea antes de finalmente fazer jorrar a sua semente com um grunhido. Espero que agora se sinta verdadeiramente saciado, pois estou cansada e acabou-se-me o vinho.

Assim que a mulher colapsa por baixo dele, ele dá-lhe outra palmada no rabo, desta vez para a dispensar.

— Toda a gente de volta para a ala do harém. Por esta noite chega-me.

As suas palavras interrompem o resto das selas, apanhando-as a meio da sua libertação. O macho ainda balança a sua ereção, mas ninguém se queixa, amua ou ignora a sua ordem. Seria pura estupidez fazê-lo.

Desencaixam-se todos rapidamente uns dos outros e saem nus em fila indiana, algumas coxas ainda húmidas e pegajosas. Tem sido uma longa noite.

Questiono-me se as selas irão concluir elas próprias o que estavam a fazer na ala do harém. Não posso saber, pois não me é permitida a entrada. Não lhes conheço a dinâmica quando o rei não está por perto. Não posso ir a *lado algum* a não ser que permaneça nas minhas gaiolas ou na presença do rei. Como sua favorita, sou mantida trancada e em segurança. Uma mascote a ser protegida e guardada.

Observo atentamente Midas enquanto ele veste o seu roupão dourado no momento em que sai a última sela. Só de o ver ali parado, quase despido e satisfeito em termos de prazeres sensuais, dá-me um aperto no estômago.

Ele é lindo.

Não é musculado, pois leva uma vida muito luxuosa, mas é elegante por natureza e tem ombros largos. Jovem para um rei no poder, Midas está na casa dos 30, com a juventude a proporcionar-lhe ainda um rosto de traços suaves. Tem a pele bronzeada, apesar de aqui só nevar e chover, e o seu cabelo é louro com tons de mel arruivados, a matiz escarlate mais vincada à luz das velas. Os seus olhos são de um castanho intenso e há nele uma presença... um charme. É o charme dele que sempre me prende.

O meu olhar baixa um pouco, sobre a cinta afilada e o contorno do seu membro a amolecer, que ainda vislumbro através da seda.

— A dar uma espreitadela, Auren?

Ao ouvir o meu nome desvio a atenção do entrepernas dele para o seu sorriso malicioso. Sinto as faces a enrubescer, embora tenha disfarçado o meu embaraço.

— Bem, é uma bela vista — digo-lhe com um erguer de ombros e um curvar de lábios irónico.

Ele solta uma risadinha e encaminha-se na direção das barras da minha jaula ao fundo do átrio. Adoro quando sorri. Cria-me lagartas ondulantes na barriga — e não borboletas. Sinto inveja daquelas cabras que podem voar livremente.

Olha-me desde os meus pés descalços até ao peito. Tenho o cuidado de não me mexer do lugar onde me encontro sentada, embora me queira remexer sob o seu escrutínio, a minha cabeça inclinada na expectativa. Aprendi a manter-me imóvel, pois é isso que ele aprecia.

O seu olhar percorre-me o corpo numa penada vagarosa.

— Hum... Pareces-me bem apetitosa para comer esta noite.

Ergo-me fluidamente até o tecido do meu vestido tombar, deslizando, sobre a ponta dos pés e a seguir avanço para as barras diante dele. Uma mão enrosca-se sobre uma das barras delicadas que nos apartam.

— Pode tirar-me desta jaula e provar. — Tenho o cuidado de manter um tom brincalhão e uma expressão sensual, embora até me sinta tomada pelo desejo.

Deixa-me sair. Toca-me. Deseja-me.

O meu rei é um homem complicado. Sei que me aprecia, mas, ultimamente, tenho andado a desejar... mais. Sei que a culpa é minha. Não devia

desejar mais. Deveria sentir-me feliz com o que tenho, mas não há como evitar.

Quem me dera que Midas olhasse para mim como eu olho para ele. Quem me dera que o peito dele batesse desejoso como o meu. Mas, mesmo que nunca possa dar-me isso, gostaria que simplesmente passasse mais tempo comigo.

Sei que é algo nada prático de desejar. Ele é um rei. Constantemente a ser atraído num milhar de direções. Tem deveres que nem me passam pela cabeça. O facto de eu obter sequer um pouco de atenção deveria ser algo para festejar. E é por isso que enterro o desejo com um pazada de neve a cobrir o anseio com um peso entorpecedor para o esconder nas minhas profundezas. Distraio-me. Atrapalho-me. Preencho as minhas horas com o que posso. Mas, independentemente de quantas pessoas vejo todos os dias, continuo a acordar sozinha e a adormecer da mesma forma.

A culpa não é de Midas e não vale a pena lamentar-me. Isso não me levaria a lado nenhum — e vivo numa gaiola, sendo portanto minha especialidade não ir a lado algum.

O sorriso trocista de Midas torna-se mais rasgado face às minhas palavras atrevidas. Ele esta noite está divertido, um estado de espírito que não vejo com frequência mas que adoro quando acontece. Recorda-me de como éramos quando nos tornámos amigos. Quando eu não passava de uma rapariga perdida e ele apareceu para me mostrar uma vida diferente, o modo como me sorriu e me recordou como curvar os lábios.

Midas lança um novo olhar abrangente sobre a minha figura, a minha pele a aquecer de lisonja com as atenções de agrado dele. Tenho a forma de uma ampulheta, com peito, ancas e rabo generosos, mas não é nisso que as pessoas reparam ao olharem para mim. Nem sei ao certo se ele também repara.

Quando as pessoas olham para mim, não é para apreciar as minhas curvas ou para decifrar os meus pensamentos no meu olhar. Não, preocupam-se apenas com uma coisa, que é o brilho da minha pele.

Porque é de *ouro*.

Não dourada. Nem bronzeada. Nem pintada, mergulhada ou tingida. A minha pele é genuíno, reluzente, lustroso e dourado ouro.

Parece-se com tudo o resto neste palácio. Até o meu cabelo e as íris cintilam com um brilho metálico. Sou uma estátua de ouro andante, por todo o lado exceto os meus dentes brancos, o branco dos meus olhos e a descarada língua cor-de-rosa.

Sou uma esquisitice, uma mercadoria, um rumor. Sou a favorita do rei. A sua estimada sela. Aquela a quem aplicou o toque de ouro e que guarda numa gaiola no topo do seu castelo, com o meu corpo a ostentar a marca da sua posse e favoritismo.

A mascote dourada.

Sou a querida do Rei Midas, soberano de Sino Alto e do Sexto Reino de Orea. As pessoas vêm ver-me em bandos tal como vêm apreciar o seu castelo reluzente, que vale mais do que todas as riquezas do reino.

Sou a prisioneira banhada a ouro.

Mas que bela prisão é esta...!



CAPÍTULO 2

Esqueço o meu cansaço com Midas diante de mim. Concentro-me plenamente nele, com todos os meus nervos cientes das suas atenções. Enquanto Midas continua a observar-me, aproveito a oportunidade para fitar as atraentes planuras do seu rosto macio, o toque determinado do seu olhar.

Quanto mais olho para ele, mais lhe perdoo por me ter aqui trazido esta noite. Por me fazer ser uma espetadora do prazer no qual não participo enquanto abre as coxas das suas selas.

Midas ergue uma mão e enfia o dedo pelas minhas barras.

— És-me tão preciosa, Auren — murmura, com uma voz grave e um tom terno.

Imobilizo-me, com a respiração a contorcer-se no meu peito como um bisel rijo e afiado que me arranha os nervos. Aproxima-se cuidadosamente até deslizar um dedo pela minha bochecha. A minha pele arrepia-se com o contacto, mas continuo a manter-me perfeitamente imóvel, demasiado nervosa sequer para cerrar as pestanas na eventualidade de esse mínimo movimento levar a que deixe de me tocar.

Por favor, não pares de me tocar.

Desejo desesperadamente debruçar-me para a frente e aconchegar-me

nele, passar as mãos pelas grades e tocar-lhe, mas sei que não devo fazê-lo. Por isso permaneço quieta, embora não consiga evitar um brilho ávido nos meus olhos dourados.

— Gostaste de ver, esta noite? — pergunta, deslizando cuidadosamente os dedos até roçar o contorno do meu lábio inferior carnudo. A minha boca entreabre-se, exigente, para envolver a almofada do polegar dele, o calor a atrair o calor.

— Teria adorado participar mais — respondo, bem ciente dos dedos dele a deslizar pela minha boca enquanto falo.

Midas volta a subir a mão para poder tocar no meu cabelo. Esfrega os fios, observando o modo como cintilam à luz da vela.

— Sabes que és demasiado preciosa para te misturar com as outras selas. Sorrio de forma tensa.

— Sim, meu rei.

Midas larga o meu cabelo e dá-me um toquezinho no nariz antes de retirar a mão da gaiola. Tenho de me controlar imenso para me manter quieta, para não arquear o corpo na direção dele como um ramo que verga ao sabor do vento. Ele passa por mim como uma brisa e quero curvar-me.

— Tu não és como as selas vulgares para seres montada todos os dias, Auren. Vales bem mais do que elas. Além disso, gosto de te ter sempre aí, a observar. Excita-me — diz com um olhar ardente.

É curioso como ele em simultâneo tanto gera em mim um desejo imenso como uma desilusão esmagadora.

Apesar de não dever fazê-lo, pressionno. Culpo o desejo a desbobinar no meu estômago.

— Mas as outras selas têm inveja de mim e a criadagem comenta. Não acha que seria melhor se me deixasse participar uma noite, nem que fosse só para *lhe* tocar? — questiono. Soo algo patética, mas desejo-o.

Estreita os seus olhos castanhos ao olhar para mim e de repente percebo que fui longe de mais. Por um motivo completamente diferente, sinto outro aperto no estômago. Perdi-o. Rasguei a jocosidade como um pedaço esfarrapado de pergaminho.

As feições atraentes endurecem, o charme arrefece como neve sobre brasas.

— És a minha sela real. A minha favorita. A minha Preciosa — frisa ele, levando o meu olhar a baixar para as pontas dos pés. — Caga para o que diz a criadagem e as selas. És minha para eu fazer o que bem me apetecer, e se me apetecer manter-te enjaulada onde só eu te chego é um direito que tenho.

Abano a cabeça para mim mesma. *Estúpida, estúpida.*

— Tem razão. Só achei...

— Tu aqui não achas nada — disparou Midas, cortando-me a palavra numa rara e dura reprimenda que me faz perder o fôlego. Estava tão bem-disposto, e estraguei tudo. — Não te trato bem? — quer saber, lançando os braços ao ar enquanto a sua voz estrepita por todo o vasto salão. — Não te garanto todo o conforto?

— Garante...

— Neste preciso momento há prostitutas na cidade que vivem em pocilgas, mijam em baldes e pinam nas ruas para ganharem uns tostões com a cona. E tu ainda assim queixas-te?

Estreito os lábios bem cingidos. Ele em razão. A minha situação podia ser bem pior. *Era* pior. E ele resgatou-me.

Lado positivo: o facto de ser a favorita do rei faculta-me montes de vantagens e proteções que outros não têm. Quem sabe o que teria acontecido se o rei não me tivesse resgatado? Podia neste momento pertencer a alguém horrível. Podia estar a viver onde a doença e a crueldade têm rédea livre. Podia temer pela vida.

Afinal, era assim mesmo que vivia antes. Uma vítima do tráfico infantil. Vivi por demasiado tempo nas mãos de gente má. Vi demasiadas coisas vis.

Houve uma altura em que fugi e vivi com as únicas pessoas bondosas que alguma vez conheci depois dos meus pais. Pensei ter escapado à brutalidade da vida. Até surgirem uns salteadores que também isso arruinaram. A minha vida ia ser devolvida à miséria, mas Midas intrometeu-se e salvou-me.

Tornou-se no meu abrigo face à violência dura e cruel que se abatia constantemente sobre a minha alma sovada e depois tornou-me na sua famosa boneca decorativa.

Não tenho o direito de me queixar ou de exigir. Quando penso que ainda poderia estar a viver... bem, a lista é interminável com *imensas* outras coisas verdadeiramente desagradáveis e não gosto de pensar nisso. Fico com indigestão só de pensar no meu passado, pelo que prefiro não o fazer. Afinal de contas, uma indigestão não bate certo com a quantidade de vinho que bebo todas as noites. É por isso que sou uma rapariga que vive no lado bom da vida.

Assim que o Rei Midas vê remorso na minha expressão parece agradado consigo mesmo por ter sido capaz de reorientar a minha linha de

pensamento. O seu olhar volta a suavizar-se e roça os nós dos dedos no meu braço. Se eu fosse uma gata, ronronaria.

— Minha menina preciosa — diz ele, e a preocupação que me toma as entranhas aligeira um pouco, pois eu *sou-lhe* preciosa e sempre serei. Eu e ele temos laços que ninguém mais entende. Ninguém pode entender. Conheci-o antes de ser coroado. Conheci-o antes de as pessoas se curvarem diante dele em vénias. Antes de o seu castelo resplandecer a ouro. Já estou com ele há 10 anos e essa década uniu-nos ainda mais.

— Desculpe — digo-lhe.

— Não tem mal — apazigua ele, afagando de novo os ossos do meu pulso. — Pareces cansada. Regressa aos teus aposentos. Mando chamar-te de manhã.

Franzo o sobrolho quando se afasta.

— De manhã? — tento indagar. Por norma só me chama depois de o Sol se pôr.

Assente com a cabeça, volta-se e afasta-se.

— Sim. O Rei Fulke parte amanhã de regresso ao Castelo Ranhold.

Tenho de me esforçar imenso para que o meu suspiro de alívio não se veja. Não suporto o Rei Fulke do Quinto Reino. É um velho sórdido e grosseiro, com o poder da duplicação. Quando usa o seu poder consegue duplicar o que toca exatamente uma vez. Graças ao Divino isso não funciona com as pessoas, ou aposto que ele há muito já teria tentado duplicar-me.

Se nunca mais visse Fulke não se perdia nada, mas ele e o meu rei são aliados há vários anos. Desde que os nossos reinos partilham fronteiras ele passa por cá várias vezes ao ano, por norma com carroças plenas de coisas para Midas transformar em ouro. Assim que regressa ao seu castelo, aposto que Fulke duplica tudo. Ele enriqueceu imenso graças à aliança com Midas.

Não sei ao certo o que obtém em troca o meu rei, mas duvido muito que este esteja a tornar Fulke rico só por bondade. Midas não é propriamente conhecido por ser altruísta, mas quando se é rei temos de saber tomar conta de nós e do nosso reino. Não o censuro por isso.

— Oh! — respondo, sabendo o que tal implica. O Rei Fulke vai querer ver-me antes de partir. Tem uma espécie de obsessão por mim que já não tenta disfarçar.

O lado positivo? O seu encantamento leva Midas a prestar-me mais atenção. É como quando as crianças lutam por causa de um brinquedo. Quando Fulke está por perto Midas não me larga, assegurando que Fulke não consegue brincar.

Se Midas repara no meu desconforto nada comenta.

— Vais para a sala do pequeno-almoço de manhã enquanto comemos — informa, e eu assinto com a cabeça. — Agora vai para o teu quarto e descansa para ficares fresca. Quando for a hora mando chamar-te.

Curvo a cabeça.

— Sim, meu rei.

Com outro sorriso, Midas abandona o átrio com um esvoaçar do roupão e sou deixada sozinha, com o átrio de repente a parecer-me cavernoso.

Suspiro e observo a grande quantidade de barras de ouro que traçam a curva para a divisão, em silêncio odiando-as. Se ao menos tivesse força para afastar as barras e escapar-me... Mas nem assim fugiria, pois não o faria. *Sei* como tenho aqui uma boa vida. Mas ter a permissão de deambular sozinha pelo castelo, para seguir Midas até ao quarto... é toda a liberdade por que anseio.

Só por diversão, agarro duas barras e puxo com toda a minha força.

— Vá lá, seus pauzinhos anormais dourados — murmuro enquanto exerço força com os braços.

Há que reconhecer que não tenho muito do que me gabar no que toca a músculos. Provavelmente, deveria usar algum do meu tempo livre para fazer exercício. Não tenho uma vida propriamente ocupada. Podia correr de uma ponta à outra ou poderia trepar até às traves da gaiola e fazer flexões, ou podia...

Resfolego a rir e deixo descair as mãos nos flancos. Sinto-me entediada, mas não *tão* entediada. Aquela sela masculina com abdominais é nitidamente mais motivada do que eu.

Olho para lá das barras, para a gaiola de pássaros pendurada num pedestal a poucos metros. No interior há uma ave de ouro sólido paralisada no poleiro. Por norma era um tentilhão da neve, se não me engano. Uma barriga a combinar com a neve branca sobre a qual teria voado, com asas estendidas para planar no vento gelado. Agora, as suas penas macias não passam de linhas metálicas duras, as asas para sempre coladas à sua forma pequena, a garganta presa no silêncio.

— Não olhes para mim assim, *Moeda* — digo-lhe. Ela fita-me sem pestanejar.

— Já sei — digo, com um suspiro. — Sei que é importante para Midas que eu seja mantida em segurança dentro da minha jaula, tal como tu — declaro com um inclinar de cabeça, antes de espreitar para os luxos que tenho à mão.

A comida, as almofadas, as roupas caras. Algumas pessoas matariam por tudo isso e não o digo em sentido figurado. Matariam *mesmo* por isso. A pobreza é um motivador feroz. Sei muito bem.

— Não é que eu não tenha tentado pôr-me mais confortável. Não devia ser tão gananciosa e mal-agraçada. A situação podia ser bem pior, certo?

A ave continua simplesmente a olhar-me e digo a mim mesma para parar de falar com a coisa. Já deu há muito o seu último suspiro. Já nem me recordo do som do seu canto. Mas imagino que fosse belo, antes de solidificar num espetro reluzente e silencioso.

Eu vou acabar assim?

Daqui a 50 anos o meu corpo ficará completamente sólido como a ave? Os meus órgãos vão deixar de trabalhar, a minha voz silenciar-se e a língua pesar? O branco dos meus olhos vai sangrar, as pálpebras ficar abertas para sempre, sem nada ver? Talvez seja eu no meu próprio poleiro aqui, imobilizada para sempre, enquanto as pessoas olham, falando comigo através das barras sem que eu possa responder.

É um medo que me acossa, apesar de nunca o ter posto por palavras. Quem sabe se este poder algum dia se altera? Talvez um dia eu seja efetivamente uma estátua.

Por agora resta-me cantar, eriçar as minhas proverbiais penas. Continuar a respirar com um peito que ainda sobe e desce como o Sol. Eu e a *Moeda* não somos iguais. Pelo menos para já.

Virando-me, passo a mão pelas barras antes de deixar descair o braço. *O lado positivo, Auren. Tens de ver o lado positivo.*

Como o facto de a minha gaiola não ser pequena. Ao longo dos anos, Midas aos poucos aumentou-a, até se estender por todo o piso superior do palácio. Pôs operários a construir portas extra nas traseiras dos quartos, para ficarem equipados com passagens gradeadas que dão para grandes jaulas circulares. Fez tudo isso por mim.

Pelo meu pé consigo aceder ao átrio, à sala de estar, à biblioteca e à sala real do pequeno-almoço, além dos meus aposentos particulares, que ocupam toda a ala norte. É mais espaço do que muita gente dispõe no reino.

Os meus aposentos pessoais incluem a minha casa de banho-suite, o quarto de vestir e o quarto de dormir. Divisões generosas com gaiolas de pássaros enormes construídas em cada uma e passagens gradeadas que me permitem passar de uma divisão a outra sem que tenha de abandonar a minha gaiola, a não ser que Midas apareça para me escoltar a algum lado. Mas, mesmo quando tal acontece, por norma só me leva à sala do trono.

Pobre rapariga dourada. Sei como pareço ingrata e detesto. É como um corte profundo e infetado na pele. Estou sempre a coçar, deixando a pele irritada, apesar de saber que não devo tocar-lhe, que devo deixar sarar e cicatrizar.

Mas, apesar de todas as divisões serem opulentas e todas as vistas elegantes, todo o luxo desde há muito não me atrai a atenção. Acho que é normal acontecer, depois de aqui estar há tanto tempo. Interessa mesmo que a gaiola seja de ouro puro quando não nos é permitido abandoná-la? Uma gaiola é uma gaiola, independentemente de ser dourada.

E esse é o ponto crucial. Implorei-lhe que me guardasse e protegesse. Ele cumpriu a promessa. Sou eu que estou a estragar isto. É a minha própria mente a distorcer as coisas, a sussurrar pensamentos que não tenho o direito de formar.

Por vezes, quando bebo vinho suficiente, consigo esquecer que estou presa numa gaiola. Consigo esquecer a comichão irritante.

Como tal, bebo imenso vinho.

Bufando de novo, fito o teto de vidro, reparando em mais nuvens a deslizar vindas de norte, com as suas formas fofas iluminadas por uma Lua esquecida.

Esta noite cairão provavelmente uns 30 centímetros de neve sobre Sino Alto. Amanhã de manhã não me surpreenderia se todas as janelas do átrio estivessem completamente cobertas por pó branco e gelo espesso, com o céu de novo a ser-me ocultado.

Lado positivo? Por agora ainda tenho aquela única estrela a espreitar na noite.

Recordo-me de, quando era nova, a minha mãe dizer que as estrelas eram deusas à espera de eclodir da luz. Uma bela história para uma menina que perderia a família e o seu lar de uma só penada.

Aos 5 anos, numa noite límpida e estrelada, fui levada da minha cama. Caminhámos em fila indiana, eu e outras crianças das vizinhanças, enquanto soava no ar o estrépito dos combates. Saímos para uma noite amena, tentando chegar a um lugar seguro enquanto o perigo nos cercava. Chorei sob os beijos dos meus pais, mas disseram-me para ir. Para ser corajosa. Que em breve me procurariam.

Uma ordem, um encorajamento, uma mentira.

Mas alguém deve ter sabido que estávamos a ser levados. Alguém terá contado. Então, apesar de eu e os outros sermos levados sorratamente, não alcançámos a segurança. Em vez disso, antes sequer de conseguirmos

escapar da cidade, fomos atacados por ladrões escondidos nas sombras, como se estivessem precisamente à nossa espera. Escorreu sangue dos elementos da nossa escolta. Líquido quente a borrifar rostos pequenos e estupefactos. A recordação ainda me deixa os olhos marejados. Foi quando percebi que estava acordada em pleno pesadelo.

Tentei gritar por ajuda, chamar os meus pais, dizer-lhes que estava tudo errado, mas foi-me enfiada na boca uma mordaca de couro que sabia a casca de carvalho. Chorei enquanto éramos levados. Lágrimas escorrem. Os pés arrastaram-se. Corações bateram desalmadamente. O nosso lar desapareceu. Houve gritos e retinires metálicos e choros, mas também silêncio. O silêncio era o pior dos sons.

Continuei a olhar para aquelas conchas de luz no céu escuro, implorando às deusas para que nascessem e viessem salvar-nos. Para regressar à minha cama, aos meus pais, à segurança.

Não vieram.

Poder-se-ia pensar que me sentiria melindrada com as estrelas por causa disso, mas não é o caso, pois sempre que olho para cima recordo a minha mãe. Ou, pelo menos, um pedaço dela. Um pedaço ao qual tento desesperadamente agarrar-me desde há 20 anos.

Mas a memória e o tempo não são amigos. Rejeitam-se mutuamente, correm em direções opostas, puxando com força o laço retesado que os une, ameaçando rebentar. Memória e tempo. Sempre a perder um deles quando se acompanha o outro.

Já não recordo o rosto da minha mãe. Não me lembro do ressoar da voz do meu pai. Não encontro a sensação dos braços deles a envolverem-me quando me abraçaram pela última vez.

Apagou-se.

A estrela isolada lá no alto pisca-me o olho, a imagem distorcida devido à água acumulada nos meus olhos. No segundo seguinte, a minha estrela é abafada pelas nuvens rolantes que me bloqueiam a vista, levando a que uma pontada de desânimo arranhe a superfície do meu coração.

Se aquelas estrelas são efetivamente deusas à espera de nascer, deveria avisá-las para que fiquem na segurança da sua luz cintilante. Porquê aqui em baixo? Aqui em baixo a vida é sombria e solitária, tem sinos ruidosos e não há vinho que chegue.



CAPÍTULO 3

Pela manhã sou acordada pelo maldito sino, com uma dor de cabeça a despertar para a vida por trás dos meus olhos.

Abro as minhas pálpebras pegajosas e esfrego os olhos para ver com mais nitidez. Ao sentar-me, a garrafa de vinho que aparentemente ainda se encontrava no meu colo tomba no chão dourado e rola para longe. Olho em redor e dou com dois guardas reais de vigia do outro lado das barras.

A minha gaiola ocupa quase toda a divisão, mas há espaço suficiente para os guardas percorrerem todas as divisões do lado de fora quando fazem as suas rondas.

Limpo rapidamente a baba que me escorre da boca e espreguiço-me, à espera de que o dobrar do sino termine o seu retinir incessante, sentindo a cabeça leve devido ao álcool que consumi antes de por fim adormecer, na noite passada.

— Cala-te — resmungo para o sino, enquanto esfrego o rosto com as mãos.

— Já era tempo de ela acordar — ouço.

Olho para os guardas e reparo que o Digby — o mais velho, de cabelo grisalho e barba espessa — está de sentinela à porta. É o meu guarda

habitual e ocupa esta posição há anos. É completamente composto e sério, recusando-se sempre a conversar comigo ou a alinhar nalguma das minhas brincadeiras de copos.

Mas, e o guarda que falou? É novo. Apesar da minha ressaca, desperto de pronto. Não recebo muitos dos novos.

Observo com atenção o recém-chegado. Parece não ter mais de 17 invernos, ainda com borbulhas na cara e membros desajeitados. Provavelmente acabou de ser trazido da cidade. Todos os homens que se tornam adultos ingressam de imediato no exército do Rei Midas, a não ser que disponham de direitos de lavoura.

— Como te chamas? — pergunto, avançando para me agarrar às grades.

O olhar dele incide em mim e endireita a sua armadura dourada, com o emblema do sino a brilhar com orgulho.

— Joq.

O Digby lança-lhe um olhar fulminante.

— Não fales com ela.

Joq morde o lábio, refletindo.

— Porque não?

— Porque são essas as ordens.

O Joq encolhe os ombros e observo toda a troca de palavras com uma curiosidade crescente. Questiono-me se *ele* alguma vez alinharia num jogo comigo que envolvesse álcool.

— Achas que ela tem uma rata de ouro? — pergunta o Joq de repente, inclinando a cabeça ao olhar para mim.

Ookay, então ele não está interessado num jogo de copos. É bom saber.

— É grosseiro falar das ratas das pessoas na presença delas — digo-lhe, enfaticamente, e as sobrancelhas dele erguem-se com surpresa face ao meu descaramento.

— Mas é uma sela — realça, de cenho franzido. — Vale pela sua rata.

Uau, *okay*. Então o Joq é um imbecil.

Agarro com força as minhas barras de ouro e estreito os olhos na direção dele.

— As selas fêmeas não valem só pelas ratas. Por norma também temos umas mamãs espetaculares — digo secamente.

Em vez de detetar o meu tom mordaz, parece apenas excitado. Parece que o Joq também é um idiota.

O Digby vira-se para ele.

— Tem cuidado, rapaz. Se o rei te ouve a falar do corpo preferido dele, antes de conseguires dizer *foda fingida* já tens a cabeça espetada numa estaca de ouro.

O olhar do Joq percorreu-me como se nem sequer tivesse ouvido o Digby.

— Só estou a dizer que ela é uma bela peça — reage ele, visivelmente sem vontade de se calar. — Pensei que era um mito que o Rei Midas tivesse tocado na sua sela favorita. — O Joq coça a parte de trás do seu cabelo desalinhado cor de lama. — Como é que achas que ele o fez?

— Fez o quê? — questiona o Digby, irritado com ele.

— Bem... tudo em que ele toca não se transforma em ouro? Ela neste momento devia ser uma estátua sólida, certo?

O Digby fita-o como se ele fosse parvo.

— Olha em volta, rapaz. O rei transforma algumas coisas sólidas em ouro e outras coisas mantêm a forma e ficam apenas douradas, como as cortinas e a merda. Não sei como raio o faz e não me interessa, porque não é meu dever interessar-me. É *meu* dever guardar a ala superior do castelo e a sua favorita, por isso é o que faço. Se fosses esperto fazias o mesmo e paravas de abrir o raio da boca. Agora vai lá fazer as tuas rondas.

— Está bem, está bem. — Repreendido, o Joq lança-me mais um olhar curioso, antes de virar costas e sair porta fora e fazer as rondas no resto do piso.

Abano a cabeça.

— Estes guardas jovens de hoje em dia...! Todos eles idiotas, certo, Dig?

O Digby limita-se a olhar de relance para mim antes de desviar o olhar para fitar em frente em pose de *guarda*. Depois de todos estes anos perto dele, percebi que leva muito, muito a sério o seu cargo.

— É melhor preparar-se, menina Auren. Já é tarde — comenta num tom áspero.

Suspiro, pressionando um polegar contra a têmpora dorida antes de me dirigir à arcada que dá para a passagem com barras que separa os meus quartos. Atravesso-a e vou para o meu quarto de vestir, enquanto o Digby se mantém na outra divisão para me dar privacidade.

Alguns dos outros guardas gostam de pisar o risco e seguem-me até aqui desde o outro lado. Nesses momentos aprecio estar atrás das minhas grades. Felizmente tenho um tecido dourado pendurado no teto, pelo que posso despir-me atrás do mesmo sem que me vejam, mas tenho

a certeza de que projeta a sombra da minha silhueta, daí aqueles idiotas seguirem-me.

Mas não tenho de me preocupar com o Digby a espreitar a minha sombra. Nunca tentou mostrar comportamentos inapropriados ou olhar furtivamente para mim — ao contrário de alguns outros. Agora que penso nisso, se calhar é por esse motivo que é meu guarda há tantos anos, enquanto alguns dos outros não duraram. Questiono-me se o Rei Midas cravou as cabeças *deles* em estacas douradas.

Esta manhã está escuro e triste no meu quarto de vestir. Tenho apenas uma claraboia no teto, mas o vidro por norma está coberto de neve e hoje não é exceção. A minha única outra fonte de iluminação é a candeia na mesa. Reencho-a depressa e acendo a chama, e dou então início à minha rotina matinal sob a luz suave. Midas vai chamar-me esta manhã, por isso tenho de estar pronta a tempo.

Olho em volta para todos os cabides de vestidos pendurados no quarto, com os meus olhos a vasculhá-los. São todos feitos com fio e tecido de ouro, naturalmente. Como favorita de Midas, nunca sou vista com outra coisa.

Avançando até à parte de trás, escolho um com cinta império e sem costas. *Todos* os meus vestidos não têm costas. É necessário por causa das minhas fitas.

Chamo-lhes fitas à falta de melhor designação. Tenho duas dúzias de fitas douradas que brotam de ambos os lados da minha coluna, espalhando-se a todo o comprimento, desde os ombros até ao cóccix. Também são compridas, pelo que drapeiam até ao chão como uma cauda de um vestido, arrastando-se atrás de mim enquanto caminho.

É o que a maioria das pessoas pensa que se trata — apenas tecido extra dos meus vestidos. Nem imaginam que estão mesmo presas a mim. E, sinceramente, foi também para mim uma surpresa. Cresceram pouco antes de Midas me salvar. E não foi pouco doloroso. Passei semanas com suores noturnos e uma dor ardente enquanto me cresciam nas costas, estendendo-se aos poucos todos os dias até por fim pararem.

Tanto quanto sei, sou a única pessoa em Orea com fitas. Todos os da realeza têm magia, naturalmente. Não podem assumir a coroa sem ela. Alguns plebeus também têm magia. Uma vez vi um bobo da corte capaz de fazer com que lhe saíssem clarões de luz dos dedos, sempre que os estalava ou batia palmas. Um belo espetáculo noturno para marionetas de sombras na parede.

Mas, no que respeita às minhas fitas, não são apenas belas ou invulgares. Não são simplesmente um truque para o salão do trono. São preênceis. Consigo controlá-las como aos meus membros. Por norma, deixo que se arrastem atrás de mim como um tecido maleável, mas também consigo movê-las individualmente quando quero e são mais fortes do que parecem.

Despindo a minha camisa de dormir, deixo o tecido enrugado na pilha de roupa junto às grades, onde as criadas vêm recolhê-la mais tarde para lavar. Enfio o novo vestido, ajustando os drapeados para que assentem bem e tapem tudo o que deve ser tapado.

Sentando-me no toucador, olho para o espelho. As minhas fitas erguem-se atrás de mim, entrelaçando-se no meu cabelo e penteando-o em tranças até parecer que tenho uma rede delas assentes no alto da cabeça, e então todos os compridos fios dourados estendidos pelas costas são entretecidos na nuca.

É imenso cabelo, mas, dado que o rei é muito possessivo em relação a mim, não deixa que ninguém se aproxime. Nem sequer o barbeiro. O que implica que tenho de ser sempre eu a cortar o meu cabelo, algo em que sou muito má.

Depois de um incidente particularmente trágico ao cortar o cabelo, tive franjas enviesadas por dois meses, antes de por fim crescerem o suficiente para as prender atrás das orelhas. Não foi giro. Desde esse incidente tentei evitar ao máximo tesouras e por ter aprendido a lição só aparo as pontas.

Mas, para ser justa, nem sequer sei se franjas direitas teria sido bom. Nunca se deve decidir algo tão sério como franjas quando se tem uma garrafa de vinho no estômago.

Assim que o cabelo está bem entrançado no meu escalpe, levanto-me do toucador e regresso ao quarto de dormir precisamente no momento em que está a entrar uma criada. Ela fala com o Digby, quase sem fôlego por ter subido as escadas.

— O Rei Midas convocou a favorita à sala do pequeno-almoço.

O Digny assente com a cabeça e a mulher afasta-se rapidamente, lançando-me um olhar furtivo antes de desaparecer pela porta.

— Pronta? — pergunta o Digby.

Olho em volta e bato com um dedo nos lábios.

— Na verdade, tenho de tratar de uns recados antes de ir. Ver umas pessoas, fazer umas coisas. Sou *muito*, muito ocupada, sabes? — digo-lhe, curvando as pontas dos lábios, divertida.

Mas o Digby não alinha na brincadeira. O homem nem sequer sorri. Só recebo um olhar paciente.

Suspiro.

— Alguma vez vais começar a rir com as minhas piadas, Dig?

Um ligeiro abanar de cabeça.

— Não.

— Um dia destes vou finalmente fazer ceder essa careta séria de guarda. Espera para ver.

— Se o diz, menina Auren. Está pronta? Não devemos deixar Sua Majestade à espera.

Expiro fundo, desejando que a minha dor de cabeça amenize um pouco antes de ter de enfrentar o Rei Fulke.

— Muito bem. Sim, estou pronta. Mas tens mesmo de trabalhar os teus modos de guarda de gaiola. Seria agradável um pouco de conversa de ocasião. E um gracejo amigável de quando em quando fazia-te mal?

Limita-se a fitar-me com aqueles olhos castanhos, completamente inexpressivos.

— Está bem, está bem, já vou — resmungo. — Até daqui a 82 segundos — acrescento com uma pitada de sarcasmo e um beijo soprado. — Vou sentir a tua falta.

Virando-me, sigo do meu quarto de dormir para o outro lado da gaiola, que dá para um corredor especificamente acrescentado para meu uso. Percorro o chão dourado com os meus chinelos de seda, as minhas fitas e a bainha do meu vestido a seguirem atrás de mim.

Está escuro aqui em baixo, mas o corredor estreito tem apenas uns três metros e então acedo à biblioteca, que é enorme, mas cheira a pergaminho bolorento e ar estagnado, apesar de os criados virem cá limpar.

Atravesso a parte enjaulada da biblioteca, passo por outro corredor escuro, transponho o átrio e depois chego ao corredor que dá para a sala do pequeno-almoço. Assim que chego à arcada detenho-me para me pôr por um momento à escuta, esfregando uma vez mais a têmpora dorida. Ouço o Rei Midas a falar com uma criada e o som de pratos a serem distribuídos pela mesa.

Inspirando fundo, transponho as portas para a pequena gaiola que adentra a divisão. Do outro lado das grades há uma comprida mesa de jantar, preenchida exatamente com seis travessas de comida, seis jarros de bebida e seis ramos de flores sólidas de ouro a combinar com os pratos e os cálices, o numeral e o fetiche de ouro de Midas sempre presentes.

Sinto uma impressão no estômago ao ver a comida e estou contente que não contem comigo para comer. Creio que será um pouco repugnante vomitar por cima dos seus lugares.

Uma luz nevosa e parda vinda das janelas penetra na sala, de alguma maneira levando a que toda a opulência pareça algo esmorecida. A lareira ruga com chamas, mas por muitos fogos que se acendam nunca aquece o suficiente. Os fogos limitam-se apenas a afastar o frio perpétuo.

O meu olhar deteta de imediato o Rei Midas à cabeceira da mesa, envergando uma túnica atraente, com a sua coroa de ouro com picos assente na perfeição no seu penteado cabelo louro.

O Rei Fulke encontra-se sentado à sua esquerda, com uma barriga gluttona a pairar sobre a cinta. E, tal como é habitual com a moda do Quinto Reino, veste calças justas de veludo. Usa ainda uma túnica roxo-escura — a cor do seu reino — para combinar. A sua coroa dourada está inclinada na cabeça calva, um lembrete negligente da sua governação, tendo embutidas pedras preciosas roxas do tamanho do meu punho.

Não faço ideia se Fulke foi um homem atraente quando era mais jovem. Só vejo agora a sua pele enrugada e um corpo demasiado volumoso. Mas o que me arrepia mesmo são os dentes amarelados de fumar demasiado cachimbo. Isso e o seu olhar lascivo sempre que me fita. Na verdade, estão empatados.

Neste momento não são apenas as calças de veludo a envolver-lhe as pernas. Tem duas selas louras escassamente vestidas sentadas de pernas abertas sobre as suas coxas, as mulheres a alimentá-lo com pedaços de pastéis e fruta como parte dos seus deveres com tudo incluído.

A Polly está sentada numa coxa enquanto a Rissa está escarranchada na outra, aos risinhos, enquanto o alimenta com bagas encaixadas nos seus próprios lábios e ele lhe apalpa as mamas. Calculo que seja esse tipo de pequeno-almoço.

Quando as mulheres me veem entrar, ambas me lançam olhares irritados e depois fazem questão de me ignorar. Não gostam muito de mim. Não só por ser a *favorita* do rei, como por ser também a coisa que Fulke mais cobiça quando vem de visita.

Para elas, penso que serei apenas concorrência. Toda a gente sabe o que acontece às selas reais quando se tornam obsoletas. São descartadas por troca com selas mais novas, mais firmes e mais belas.

Embora eu ache que se elas realmente passassem algum tempo comigo iriam apreciar-me. Sou tremendamente divertida. Praticamente tem de se

ser, quando a única pessoa com quem convivemos somos nós próprios. Eu nunca quereria entediá-me a mim mesma.

Talvez espere até Midas estar bem-disposto e depois pergunte se alguma das raparigas pode vir ter comigo uma destas noites. Gostaria de companhia que não fosse o silencioso e inflexível Digby.

Por falar no Digby, ele e cinco outros guardas reais estão de sentinela ao longo da parede dos fundos e nem pestanejam face ao pequeno-almoço erótico. Tão profissionais.

Os outros homens a comer à mesa com os reis são os respetivos conselheiros e há mais duas selas por perto, com uma delas a massajar os ombros de um dos homens de Fulke, enquanto a outra não para de lançar olhares sedutores à mesa.

— Ah, Preciosa — ronrona o Rei Midas desde o seu lugar quando repara em mim. — Juntaste-te a nós para o pequeno-almoço.

Claro que sim, porque assim ordenaste.

Em vez de dizer isso em voz alta, sorrio recatadamente com um aceno e então sento-me no banquinho almofadado posicionado diante da minha harpa. Começo a dedilhar suavemente as cordas, pois sei que é o que deseja o meu rei. Estou aqui para atuar.

É sempre igual. Sempre que há visitas de representantes estrangeiros de outros reinos, o Rei Midas gosta de exhibir-me. Sento-me na sala do pequeno-almoço, em segurança na minha gaiola, onde os visitantes podem observar-me e espantarem-se com a extensão do poder de Midas enquanto comem ovos e tartes de fruta.

— Hum... — diz o Rei Fulke enquanto mastiga e olha para mim. — Gosto de olhar para a tua puta com toque de ouro.

O termo irrita-me, mas mantenho a coluna direita. Sabem o que é pior do que ser chamada sela? É ser chamada puta. Já deveria estar habituada, mas não é assim. Dá-me vontade de o chicotear com as minhas fitas e atingi-lo nos tomates. Em vez disso mudo de canção na harpa e toco uma das minhas preferidas, «Enfia-lhe Uma Piça no Cu». Acho que é a canção perfeita para o meu atual estado de espírito.

O Rei Midas ri-se depois de trincar um pedaço de fruta.

— Eu sei.

Fulke fita-me com atenção.

— Tens a certeza de que não mudas de ideias e aplicas o teu toque de ouro a uma das minhas selas? — questiona enquanto massaja o rabo da Polly com ela sentada sobre a sua coxa.

Midas abana a cabeça.

— Não. Essa honra é concedida apenas à minha Auren — responde num tom brando. — Gosto de a diferenciar.

Fulke resmoneia num misto de desilusão e diversão, enquanto eu mordo o lábio de prazer por Midas me reclamar. A Polly e a Rissa partilham um olhar de claro desgosto e começam a acariciar-se mutuamente em cima da mesa, como se desejassem atrair de novo as atenções para elas.

— Estou a ver o que te levou a escolhê-la — comenta Fulke, ignorando a Rissa quando a mão dela lhe passa pelo meio das pernas. — A beleza dela não tem paralelo.

Sinto pele de galinha com o olhar dele a varrer-me e com os punhais que a Rissa e a Polly me lançam com os olhos. Mas pelo brilho do olhar de Midas percebo como ele se sente agradado. Fica muito satisfeito quando as pessoas invejam o que ele tem.

— Claro que ela é linda — diz o meu rei presunçosamente. — É minha.

Sinto a face a ruborizar, com o tom possessivo dele a aquecer-me as entranhas. Olho de relance para ele por entre as cordas da harpa, com os meus dedos a dedilharem o tema como se fosse uma oferenda.

Fulke incide o olhar em Midas.

— Uma noite, Midas. Pago-te generosamente por *uma* noite com ela.

Os meus dedos falham as cordas. Uma nota desafinada invade o ar, arruinando o meu crescendo preferido. Os meus olhos dourados incidem repentinamente no meu rei. Midas obviamente recusará, mas, santo Divino, não acredito na ousadia de Fulke. Estará Midas prestes a golpear o Rei Fulke por se atrever a dizer tal coisa? Aqui mesmo à mesa?

Sinto o estômago às voltas enquanto o silêncio se abate sobre a sala. Em tempos, um dos embaixadores financeiros disse algo muito parecido e o meu rei mandou que lhe cortassem todos os dedos dos pés e das mãos, um a um, antes de os atirar para uma tina de ouro fundido e os pendurar à porta do homem. Duro? Sem dúvida. Mas foi uma mensagem para quem fosse um pouco lascivo de mais, para quem se tornasse demasiado ousado.

Os guardas e as selas ficam tensos e alertas, todos nós à espera com a respiração suspensa. Os conselheiros dos reis olham ansiosamente de um monarca para o outro e os meus dedos detêm-se nas cordas, com o silêncio a revelar-se um outro tipo de canção.

O Rei Midas poussa cuidadosamente o garfo e depois fita Fulke sem desviar o olhar. Impõe-se uma longa pausa. O meu coração bate ruidosamente

no peito, enquanto espero para ver como ele repreenderá Fulke, como o censurará.

Midas apoia um cotovelo no braço da cadeira, encaixando o rosto na mão enquanto fita o outro rei, e agora sinto o estômago às voltas por um motivo completamente diferente. Porque há um brilho no olhar do rei, um vestígio de reflexão.

Oh, Divino, ele está mesmo a *pensar* nisso?